



Humor: o papel fundamental do riso na cultura

Felipe Mansur

Instituto de Letras UERJ
felipebmansur@gmail.com

Lays Magda Gonçalves

Instituto de Letras UERJ
lays.magda10@gmail.com

Gabriel Ourique de Andrade

gabriel_ourike@hotmail.com

Em “Humor: O papel fundamental do riso na cultura”, Terry Eagleton, filósofo e crítico literário britânico, encarrega-se de debater as causas de um fenômeno cultural específico: o riso. Como exposto na orelha, o autor se propõe a uma análise dos diferentes estudos sobre o humor, em suas formulações filosóficas e literárias, privilegiando uma investigação ao redor da literatura inglesa, ao mesmo tempo em que concentra suas análises em torno das teorias de Freud e Bakhtin, apresentando os mecanismos psicanalíticos e as evoluções sociopolíticas decorrentes das formas como o humor foi categorizado dentro de épocas particulares.

Para conceber uma estrutura que abarque tantos caminhos distintos, o autor desenvolve teorias e categorias com o intuito de assimilar e comportar cada forma de humor discutida no decorrer dos cinco capítulos. Três são as teorias principais: “teoria do alívio”, “teoria da superioridade” e “teoria da incongruência”. Estas podem ser perpassadas por categorias gerais, como: “sentimentalismo”; “individualismo”; “espirituosidade” etc. Como argumento geral do livro, Eagleton nos apresenta, nos capítulos primeiro e quinto, o humor carnavalesco, tese oriunda de Bakhtin, e que funciona como alicerce para o empreendimento pessoal do autor, que pretende demonstrar a possibilidade de união entre dois tipos antagônicos de humor, o utópico e o crítico.

No primeiro capítulo, intitulado “Sobre o riso”, temos uma exposição sistemática da versatilidade do riso e de seus distintos modos de fazer rir. O riso pode funcionar como expressão emocional, social, cultural, patológica (a loucura) e como a própria desintegração do sentido, pois, no riso, “o id lança o ego em uma confusão temporária” (Eagleton, 2020, p. 15). Desse modo, o autor esclarece o riso como sendo uma volição corporal próxima à pantomina. Contudo, Eagleton ressalta a possibilidade de se tratar o riso como texto ou língua, pois seria possível demonstrar “como cada gênero de riso ou estilo de expressão facial tem lugar em um complexo sistema significante” (Eagleton, 2020, p.17), tornando-se clara sua codificação cognitivo-social.

Ainda tratando da relação corpo e mente, Eagleton apresenta a “teoria do alívio”, que é alimentada, muitas das vezes, pela incongruidade ocasionada entre o estado esperado e o estado inesperado na conclusão de uma piada – correlação com o termo literário *bathos* –, rompendo-se, assim, com o código social que nos impõe um saber locativo sobre o riso. Desse modo, embora necessite se adequar a um significado social, o riso também pode representar um paliativo para as tensões mentais provocadas por regras e constantes autocríticas em nosso cotidiano.

Ao humor como alívio é acrescentado o conceito de economia, advindo da teoria freudiana do Pai, pois a dissolução de uma angústia mental através de uma piada nos levaria a um momento de prazer e relaxamento que se transmutaria, pela economia gerada por meio da perda do senso social estabelecido, em risos. Todavia, em um segundo momento, a quebra com o regime estabelecido, mesmo que seja desfrutada, ocasionaria o sentimento de culpa para com a ordem social e provocaria um riso nervoso, pois “tanto nos regozijamos com esse prazer ilícito quanto tememos suas consequências” (Eagleton, 2020, p. 20).

No segundo capítulo, “Zombadores e escarnecedores”, acompanha-se a constituição de uma segunda forma de humor, a “teoria da superioridade”. De antemão, os percalços conceituais que confluem nesse estilo de humor são instrumentalizados em afirmativas reducionistas, que o capturam e o significam apenas pelo seu aparato vexatório, ou seja, quando o humor é, no estrito senso, uma arma para desdenhar e inferiorizar. De tanto utilizada, essa função é capaz de gerar uma forma também condicionada ao regime e a norma social estabelecida, ao invés de, necessariamente, criticá-los ou superá-los.

Quando apresenta a disformia como chave para o escárnio, Eagleton tece a teoria da superioridade de maneira que ela demande o dispêndio do deslocamento como efetividade, assim como o termo literário: *bathos*. No entanto, ao passo em que este gera a suspensão

momentânea entre os polos sublime/cotidiano, causando um relaxamento a partir do riso, aquela provoca um distanciamento que, produzido pelo próprio escarnecedor, estratifica essa dinâmica polarizada e inferioriza o objeto escarnecido. Utilizando-se de suporte teórico bergsoniano e freudiano, Eagleton consegue evidenciar como esse distanciamento se transforma em fio condutor, visto que o humorista mostra um fazer humorístico que, objetivamente, tende a se afastar da figura do indivíduo particularizado e, portanto, de vertentes como o sentimentalismo, pois, por prática, o humor de zombaria ‘permite que economizemos tais afetos, convertendo nossa pena ou compaixão em pilhéria’ (Eagleton, 2020, p.44).

No terceiro capítulo, “Incongruidade”, Eagleton, após julgar as acepções trabalhadas quanto às teorias do alívio e da superioridade, trata comparativamente desse novo conceito, “a teoria da incongruidade”, que, para além de servir-se da posição de discrepância entre quaisquer elementos, proporciona para o humor um terreno esquemático a ser habitado. Trata-se de evidenciar por qual ferramenta teórica o riso e a linguagem humorística se desenham, sendo possível inferir um terreno ao riso gerado pela incongruência, uma vez que se é utilizada a ruptura como mecanismo criador; projeta-se, de tal maneira, que ‘a humanidade, escreveu Swift para o colega Alexandre Pope, é glória, pilhéria e enigma, e a pilhéria existe precisamente por causa do enigma’ (Eagleton, 2020, p. 64). As ideias acerca de quebra de expectativa, o ‘mal entendido’ cômico, um riso inconsciente ou, até mesmo, sentimental, podem possuir o conceito da incongruência como fonte, tornando o humor a partir da dissonância um processo que captura a percepção e galhofa-a, vestindo o objeto e performando seu conceito, suspendendo a natureza de ambos e o articulando de maneira distinta. O autor observa que o enquadramento do humor já parece evidente, falta agora sua motivação. A incongruidade, importante observar, sustenta *como* o humor acontece, e não o seu porquê.

No quarto capítulo, “Humor e história”, obtemos a exposição da recepção e da organização do humor através de distintos momentos políticos e econômicos da sociedade britânica, tendo-se como fio condutor o embate entre o sentimentalismo e o individualismo. Eagleton torna perceptível que “desde os primeiros tempos, o riso parece ter sido uma questão de classe, com uma distinção firmemente imposta entre a diversão civilizada e o cacarejo vulgar” (Eagleton, 2020, p. 81). Desse modo, surgem tanto o medo do riso, pela possível dissolução e perda das armas de manutenção do corpo social, quanto o modelo democrático do riso, visto que ele pode ser efetuado por qualquer indivíduo.

As formas do humor representantes do individualismo e do sentimentalismo são, respectivamente, a *sátira*, que cumpria corrigir as anomalias humanas pela depreciação e a

ridicularização, em prol da conservação da razão e da ordem, e o *humor cordial*, que se pautava na afabilidade, encontrando uma apreciação especial nas excentricidades e sensibilidades alheias. O surgimento desses dois modelos de humor exprimia o nascimento da luta contra o individualismo econômico que crescia no ambiente político do século XVIII, ocasionando a insurgência de uma lógica sentimentalista que terminou por absorver (e absolver) o espírito comercial do capitalismo, oriundo do racionalismo extremo, para realocá-lo em torno do sentimentalismo. Para Terry Eagleton, uma manobra necessária para a sua sobrevivência. Portanto, o riso, comunhão corporal e social, transforma-se no amálgama que une a prática capitalista com os sentimentos de uma comunidade, visto que “a sociedade funciona por certa cooperação prazerosa e instintiva, e uma metáfora vital para essa comunidade é partilhar uma piada” (Eagleton, 2020, p. 90).

O capítulo termina elucidando uma última forma de humor, a espirituosidade, caracterizada como sendo espontânea e não exigindo esforço, tornando-se condição privilegiada da aristocracia. Essa forma sortia uma mudança na percepção do mundo, pois as classes altas não estavam presas às regras sociais, podendo o seu humor frustrar as expectativas convencionais, mas “sem o rancor do militante político ou a grosseria do burguês” (Eagleton, 2020, p. 105), isto é, enquanto o riso da plebe estabelece uma dissociação efêmera com o real, o riso do homem espirituoso exerce um distanciamento privilegiado em sua contemplação do mundo, visto apenas esteticamente, pois sabe que está livre dos infortúnios comuns às classes baixas.

No quinto e último capítulo, “A política do humor”, Eagleton apresenta as dificuldades pelas quais o humor, visto como arma e causa da ambiguidade política, perpassa. Para tanto, são retomadas particularidades discutidas em capítulos anteriores, e suas contradições, tal qual o riso como grau de exclusão e reparação (superioridade) e o riso como comunhão e solidariedade (sensibilidade). Desse modo, Eagleton toma como propósito investigativo a confrontação dos pontos de vista que enxergam o humor apenas como reforço do poder ou como dissolução dos conflitos pela solidariedade posta pelo riso, com o intuito de, ao final, ser apresentada uma terceira via que concilie tanto o humor como “crítica” quanto o humor como “utopia”.

A base da argumentação é concebida em cima do roteiro da peça *Comedians* (1975), de Trevor Griffiths, em que um relato sobre a fusão entre o cômico e a realidade é feito por duas vias contrárias, sendo representadas pelos personagens de Walters e Price. Walters propõe o humor como transformação de uma verdade bruta em arte, em que uma ansiedade ou

perturbação pessoal é exposta e emancipada pelo espírito cômico, diferenciando esta ação de um mero alívio momentâneo. Price, por outro lado, busca expor e “destruir o idealismo sentimental que é a face aceitável da desumanidade política” (Eagleton, 2020, p. 123), correlacionando o riso com o ódio à “fachada emocional de uma ordem social cruel” (Eagleton, 2020, p. 120). Tornando claro que Walters e Price não conseguem fornecer uma solução que mescle a crítica e a utopia no humor, Eagleton esclarece que não é função da peça “solucionar os conflitos que retrata de modo tão elegante” (Eagleton, 2020, p. 124), mas, sim, dispor ao conhecimento do leitor as disparidades que rondam a conciliação do humor à política e à realidade. Neste instante, Eagleton intervém como mediador e apresenta uma proposição a ser considerada como possível solução para a problemática do humor na política, a união dos corpos pelo carnaval bakhtiniano.

De forma singular, o carnaval estabelece uma noção de corpo que se alia ao riso, sendo que, nesse caso, antes do riso propor ao corpo sua relação mecânica e inconsciente, ressalta-se uma dinâmica ambivalente entre ambos, isto é, uma contrariedade provedora de efeitos que se suplementa conforme se destrói. A recusa do corpo à servidão se dá pelo regozijo do riso em relação à ordem exterior, unindo o indivíduo e a sociedade. Mas, para que o riso não peregrine em solos inférteis, faz-se necessário a subsistência comutativa de ambos; é a partir da máxima do corpo (nesta sintaxe entre o que está fora e dentro) que se encadeia a sentença do carnaval bakhtiniano, prevalecendo o humor como uma encruzilhada entre a afirmação e a negação, entre o pastiche e o elogio, haja vista que sua própria linguagem advém da dissonância provocada pela incongruidade. Todavia, para identificá-lo como crítica, é necessário que esse movimento dissonante seja feito entre o corpo e sua sociedade, o que, por essa teoria, justifica-se ao compreendermos que o próprio movimento individual do corpo denuncia o seu entorno, envenenando-se e alimentando-se ao mesmo tempo, tendo em vista que “é a própria humanidade que está no palco, um palco que se estende ao auditório” (Eagleton, 2020, p.126). A tendência que a sustenta para tal, como alegado na obra, dá-se por vias idealistas, em virtude de que, neste caso, o carnaval versa com um tipo de ressurreição corporal, denotando uma forma de se chegar ao macro pelo micro e vice-versa.

Eagleton encerra seu ensaio enunciando uma forma de humor que seja fértil para o povo, mas que não abdique de suas nascentes ambivalentes. Isto é, não basta reduzir o humor em sua própria linguagem como também não há como extraí-la da realidade social, o passo a ser dado, portanto, seria o de observar a qualidade do humor como elemento festivo, já que

“em época de carnaval, o povo provoca a si mesmo, como sujeito e objeto da sátira em um único corpo” (Eagleton, 2020, p. 126).

Referências

EAGLETON, Terry. **Humor:** o papel fundamental do riso na cultura; tradução Alessandra Bontrruquer. Rio de Janeiro: Record, 2020; 154p.

Recebido: 8 fevereiro 2023

Aprovado: 5 agosto 2023